

O FUNDO DO CÉU: PAISAGEM PICTÓRICA E ATMOSFÉRICA A PARTIR DA JANELA AO SUL

MARIA EDUARDA LISBOA SILVEIRA¹

DUDA (EDUARDA) GONÇALVES²

1 Maria Eduarda Lisboa UFPEL – duda25lisboa12@gmail.com

2 Profa. Dra. Eduarda Gonçalves – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto versa sobre o resultado parcial da pesquisa intitulada “O fundo do céu: paisagem pictórica e atmosfera a partir da janela ao sul”, com apoio da bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPQ/UFPEL, a partir da poética na criação de pinturas de paisagem (figura 2), vinculadas ao projeto de pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres artísticos durante e após a pandemia do COVID-19, no sul do Brasil”, coordenado pela Profa. Dra. Eduarda Gonçalves e ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPEL). A pesquisa em desenvolvimento trata de poéticas do cotidiano em um cenário de isolamento social devido a pandemia do COVID 19, num gesto recorrente na cidade de Garibaldi pensando e pintando fotografias de um olhar emoldurado pelas janelas, envolta por calma e a sequência de dias iguais. A partir do exercício de capturar as imagens de estruturas urbanas em diversos horários e dias durante quatro meses a partir da janela do quarto, o gosto pelas mudanças sutis dos dias se desenvolve. Quando houve, por fim, o alívio nas regras de contato com o mundo, a poética adaptou-se aos novos ambientes, e desta forma as janelas seguiram enquadrando as paisagens, urbanas e rurais. As referências teóricas e artísticas do estudo aqui resumidas ao conceito de paisagem de Anne Cauquelin e a metodologia da pesquisa em artes de Sandra Rey remetem ao pensamento na busca por apresentar o olhar como instrumento da interpretação do banal por meio da pintura contemporânea.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa em poéticas visuais se refere à metodologia utilizada pela artista pesquisadora Sandra Rey, versando sobre o processo de criação, a dimensão teórica da sua produção e os modos de fazer o trabalho.

Portanto ao observar e registrar por meio da fotografia e posteriormente pela pintura, inicio um movimento de processo poético, que mais tarde passou a ser uma forma de viver os espaços que frequento, e de ser permeada por eles.

Esta investigação poética nasce a partir do interesse por fotografar paisagens cotidianas presentes em minha janela do quarto na cidade de Garibaldi, Rio Grande do Sul, durante o isolamento em função da pandemia de COVID-19. As fotografias que começaram a povoar minha galeria de imagens no celular, com o passar do tempo, apresentaram características em comum e desta forma reviveram um trabalho desenvolvido para a disciplina de Fundamentos da Linguagem visual, ministrada pela atual orientadora da pesquisa em andamento, prof dra Eduarda Gonçalves. Desta forma, tendo os trabalhos em stencil e giz pastel oleoso como ponto de partida para direcionar o olhar para a skyline, o interesse pela relação entre céu e estruturas urbanas amadureceu e a pesquisa adensou-se, com o corpo formado a partir destes registros das estruturas urbanas e suas variáveis cromáticas e luminosas que compõem a minha paisagem em situação de reclusão. Igualmente, ganhou força a partir de leituras e a formação de um arquivo de artistas cujos trabalhos apresentam similitude com elementos que envolvem a produção.

A partir de imagens obtidas durante o primeiro mês de fotografias diárias, foram feitos testes de materiais que seriam capazes de traduzir o que eu observava em paisagens, identificando a pintura à óleo como a linguagem que melhor incorporou as reflexões que permeiam as motivações da pesquisa. Tendo narrativas cromáticas específicas das paisagens na janela, formou-se o que chamo de arquivo do tempo, que carrega consigo uma espécie de melancolia encontrada em uma cidade aparentemente vazia, em contraste com suas estruturas que, ao serem traduzidos para a pintura, ganham cores saturadas, vivas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A série que deu início à pesquisa não possui título e trata de duas pinturas em stencil, usando tinta guache na estrutura dos prédios e giz pastel oleoso para encorpar o céu, sendo assim, trata-se de um trabalho cujos limites dos campos de cor são bem definidos e respeitados, apresentando também cores complementares que dão ênfase ao peso dos dois corpos representados: o céu e o prédio vizinho ao que eu morava na época.



Sem título
42cm x 29,7cm
Stencil com tinta guache e giz pastel oleoso
2019



Sem título
29,7cm x 42cm
Stencil com tinta guache e giz pastel oleoso
2019

As fotografias feitas até então tinham um caráter de ‘lembrar para reproduzir depois’, e pontuam o passar do tempo dos ambientes em que estive inserida e a mudança na minha percepção. Quando estas imagens ganham narrativas contundentes e desenvolvem um olhar característico da rotina e passam a apropriar-se da paisagem, reforçando a ideia evidenciada por Anne Cauquelin em *A Invenção da Paisagem*: “(...) não se trata, com a moldura, de uma intenção deliberada, não se trata de preservar uma intimidade, ou de fazer intervir contrastes estilísticos, sombra contra luz(...) trata-se de (...) delimitar um fragmento com valência de totalidade sabendo que só o fragmento dará conta do que é implicitamente visado: a natureza em seu conjunto” (2007, p. 138).

Ao conquistar confiança e vontade de aprender a pintar com a tinta a óleo (e também me frustrar com o material), linguagem esta que carrega consigo tradição e um tempo próprio de ser levado, pude provar um pouco do sabor da satisfação com a primeira série de pinturas produzidas. Tratando-se de uma pesquisa cujo nome não fazia completo sentido, e esta série que também não possuía título, através de diálogos com minha orientadora e uma tentativa de descrever a perspectiva aérea que se faz presente nos registros chegamos à ideia que dá nome à ambas.



Série O fundo do céu
10cm x 15cm (cada pintura)
Óleo sobre tecido
2021

A sequência na produção artística veio por meio da vontade de superar em técnica o que vinha sido feito, acompanhada de uma mudança de ambiente e o surgimento de novos desafios para a percepção. Inserida agora no meio rural viajando para visitar a família, aprendi a observar também as paisagens bucólicas de lugares que apenas através da tecnologia, ao examinando os registros, encontro junto às informações das fotos as coordenadas onde foram disparadas. Sendo assim, este feliz acontecimento deu nome às paisagens de registros da viagem.

-30.66771702424012. -
50.52686770527044
40cm x 60cm
Óleo sobre tela
2022



4. CONCLUSÕES

Este olhar desenvolvido, o qual represento pela pintura, estabelece uma conversa entre o céu e a estrutura, e passou a se adaptar conforme o cenário pandêmico mudava, assim como a nova rotina e necessidades. Desta forma, o desdobramento da paisagem ampliou os modos de ver também a alma do ajanelar. O estudo atualmente lida com outra perspectiva de visão e também outra proporção de estruturas ao passear pelas ruas de Pelotas. As fotografias ganharam outro ângulo, mas ainda carregam a atmosfera de calma e solidão que uma caminhada pode proporcionar em um dia nublado do inverno pelotense. Além desta nova perspectiva, o contato com a paisagem rural durante o verão acarretou um outro tipo de sensibilidade no olhar, aprendendo a observar as cores que os ciclos naturais propõem. A falta de elementos urbanos na paisagem rural que me rodeava, assim como as longas horas de viagem, domaram a impaciência e a percepção de uma jovem artista polida pela vida na cidade. Desta forma, a pesquisa ganhou mais um desdobramento, mais uma janela e um novo ritmo a ser pensado.

O fundo do céu trata da perspectiva do fim, o ‘até onde o olhar alcança’, encontrar o horizonte a partir do posicionamento de espectador e através da tradução da imensidão de uma paisagem em um enquadramento específico ao direcionar a percepção do banal e todas as suas sutis graciosidades. A quem quiser mergulhar neste universo, este trabalho torna-se um convite a viver os lugares que ocupamos e reproduzir o cotidiano, reinventando-os e refletindo sobre o pensamento de Anne Cauquelin: “Janelas. Como evitar ver nelas a metáfora do olho? (...) E também a alma, cuja a janela é o olho, que governa a visão” (2007, p.). O meu cotidiano segue sendo registrado através de pinturas e fotografias, porém agora pensando e me permitindo ser permeada pelas paisagens externas ao quarto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAUQUELIN, A. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins, 2007.

REY, S. Pesquisa em Arte. Porto Arte, Porto Alegre, v.7, n.13, p.81-95, nov.1996